

A trilogia do colonialismo “Imani”, de Mia Couto: O Último Rei

Os portugueses dominaram a costa em frente de Madagáscar desde o séc. XVI: velho hospital na região de Nampula, em Moçambique.

(Foto: Eric Lafforgue via [www.imago-images.de/imago_images/Hans Lucas](http://www.imago-images.de/imago_images/Hans_Lucas))

De Rudolf von Bitter

Süddeutsche Zeitung, 26 maio 2021



Missionação, opressão, disciplinação. A narrativa do escritor Mia Couto fala da colonização de Moçambique. A trilogia “Imani” lançou-o de imediato como um autor de craveira mundial.

É o tempo do domínio colonial europeu no sudoeste africano. Britânicos, alemães e portugueses vigiam-se e competem entre si, a ver quem consegue que faixa de terra anexar e explorar. Os portugueses tinham ocupado a costa de Moçambique em frente de Madagáscar desde o séc. XVI. Agora, fins do séc. XIX, pretendem dominar também as terras do interior. Com a sua trilogia “Imani”, o escritor moçambicano Mia Couto apropria-se deste tema, lançando mão dos acontecimentos históricos como estrutura da sua ficção.

Faz uma montagem dos acontecimentos com base nas vozes das suas personagens e de alguns testemunhos, em parte provenientes de arquivos, em parte de pesquisa de campo documental. Para que nem tudo corresse sem dificuldades havia as suas razões: “As pessoas não queriam falar, diziam que os espíritos ainda estavam presentes, que não os queriam acordar”. Nos seus primeiros livros, Mia Couto abordou a terrível guerra civil que assolou o país até aos anos 90, cujas consequências ainda tão cedo não serão superadas.

O seu modo narrativo, de uma concentração minimalista, lançou-o de imediato como um autor de craveira mundial. As suas personagens eram os espoliados da guerra civil. A par da sua abordagem psicológica irrompia constantemente na ação, como elemento irracional, a presença dos mortos. Também à quota-parte animista do dia a dia moçambicano o autor confere o seu espaço dentro do contexto histórico.

A narradora aprende a língua portuguesa na escola missionária dos colonizadores

O facto de Mia Couto, filho de imigrantes portugueses em Moçambique, colocar uma menina africana de 15 anos no centro da história, na posição de narradora, levanta naturalmente a questão, hoje actual, se um descendente dos senhores coloniais europeus teria o direito de narrar a partir da perspectiva de uma mulher cujos antepassados foram subjugados e espoliados por esses mesmos imigrantes. Contudo, Mia Couto cede a palavra a um coro de vozes muito diversificado, e essa questão não se coloca já em primeiro plano.

A heroína do seu romance, Imani, aprende na escola da missão, quando criança, a falar, ler e escrever a língua dos colonizadores portugueses. A sua aldeia Nkokolani situa-se na fronteira entre a zona dos portugueses e a do agressivo rei tribal Ngungunyane. Para sua própria protecção, o povo de Imani aliou-se aos portugueses, e ela é chamada a prestar trabalho de tradução. O sargento Germano de Melo é despachado como representante solitário para Nkokolani, como se pudesse sozinho travar o avanço de Ngungunyane.

É assim que Imani se torna para ele uma ajuda indispensável. Contudo, durante uma confusão, ela fere Germano. Para curar a ferida, os dois empreendem por rio uma viagem através da selva, onde por todo o lado espreitam os perigos, até alcançarem o hospital do médico suíço Georges Liengme. Entretanto, os exércitos inimigos concentram-se para uma batalha decisiva, soldados angolanos dos portugueses contra os nativos moçambicanos.

O romance agora publicado com o nome “Asche und Sand” [Cinza e Areia] junta o segundo e o terceiro volumes da trilogia [A Espada e a Azagaia e O Bebedor de Horizontes]. Imani cuida do Sargento ferido, e desta conjunção de solicitude e carência desenvolve-se uma ligação. Mia Couto, aliás, não a narra como história de um amor impossível entre membros de povos inimigos. É uma feiticeira da aldeia que diz a Imani que se deite com ele. Dessa noite, Mia Couto não deixa qualquer vestígio narrativo quanto a amor, sentimentos ou erotismo, quanto a sexo ou violência, como se fosse coisa distante da sua heroína. Mais tarde, contudo, ela esperará uma criança.

O último rei do Império de Gaza é exibido em Lisboa como troféu

O mesmo processo é usado, quando Imani, como se estivesse fora de si, abate a sangue frio um oficial da colónia que a houvera molestado, com a própria arma deste. De igual modo, o tumulto dos combates não é descrito em direto, mas através de cartas dos militares. A distância traz consigo uma desaceleração da ação e simultaneamente uma contenção de tom, que a tradutora [Karin von Schweder-Schreiner] manteve na versão alemã.

Os acontecimentos, nos seus traços largos, o intencional vício do álcool que grassa entre os africanos, a concorrência entre missionários protestantes e os portugueses, são

históricos. O rei Ngungunyane, nascido em 1850, deteve o poder no Império de Gaza a norte da actual capital, Maputo, desde 1885. Georges Liengme abriu a sua missão com hospital no Império de Gaza em 1892. Com um ardil atamancado, os portugueses conseguiram capturar Ngungunyane e exibi-lo em Lisboa junto com as suas mulheres, como troféus vivos.

Era o ano de 1895. A descrição dos militares lembra as caricaturas guilherministas da revista *Simplicissimus*. As suas fotos e das suas presas humanas aparecem no livro em anexo. As fotografias dos que ainda puderam contar ao autor sobre aquele tempo bem poderiam ter completado a galeria.

Mia Couto leva a sua heroína numa viagem até Lisboa. No papel de intérprete, entretanto em adiantada gravidez, Imani permanece duplamente marginalizada. Os portugueses desprezam-na, os africanos odeiam-na. Que estes não estejam bem, pouco a perturba. Só depois de dar à luz o seu filho com Germano, o autor deixa emergir as emoções. Primeiro, Germano não tem intenção de a voltar a ver. A mãe deste, impiedosa e prepotente, arranca-lhe o filho dos braços. Imani é despachada de barco para S. Tomé, enquanto Ngungunyane, no romance como na realidade, é deportado para os Açores. Aí morre em 1906.

Os portugueses estilizaram-no em herói, no lado moçambicano celebram-no como lutador da resistência anticolonial. Não deve ter sido nem uma coisa nem outra. A trilogia termina com a cena onde Imani, agora com 95 anos, é visitada e entrevistada por um escritor – como se o autor abrisse aqui um olhar sobre o seu trabalho. Com o seu ciclo “Imani”, Mia Couto manteve-se na mesma linha dos livros anteriores. Quer perscrutar as pessoas do seu mundo, os motivos que os movem e os baixios das suas almas, renarrando-os. As suas personagens não são heróis resplandecentes nem tenebrosos, e é precisamente isso que os torna autênticos.

Tradução: Aires Graça